

O café do Rodamoinho Assobiador, em Trogan, era um dos melhores exemplos que Karrde conhecia de uma boa idéia arruinada por erro dos arquitetos, ao fazer o planejamento. Situada na costa do continente mais populoso de Trogan, o Rodamoinho fora construído ao redor de uma formação natural chamada a Taça. Tratava-se de uma formação rochosa em forma de funil, aberto sobre o mar na base. Seis vezes por dia, as grandes variações de maré em Trogan elevavam ou baixavam as águas no cone invertido da formação, tornando-a um violento rodamoinho de espuma branca girando nas encostas interiores. Com as mesas do café montadas em círculos concêntricos ao redor do fenômeno, o espetáculo era um belo equilíbrio entre sofisticação e drama natural... um perfeito cartão-postal para bilhões de humanos e alienígenas que apreciavam essa combinação.

Pelo menos foi o que imaginaram os responsáveis pelo projeto e seus associados. Infelizmente, deixaram de considerar três pontos: primeiro: tal lugar seria por definição uma atração turística, dependendo das oscilações do mercado; segundo: uma vez passado o charme inicial do Rodamoinho, o projeto centralizado excluía a possibilidade de outro tipo de entretenimento; terceiro: mesmo que tivessem feito uma reforma, a turbulência das águas na Taça, a teria feito fracassar.

As pessoas de Calius saj Leeloo em Berchest tinham transformado seu centro turístico em centro comercial. Os habitantes de Trogan abandonaram o Rodamoinho Assobiador.

— Sempre tenho esperança que alguém compre esse lugar e faça uma reforma — comentou Karrde, olhando para as mesas vazias.

Ele e Aves caminhavam por uma das alamedas de acesso à Taça, rumo a figura que aguardava por eles. Os anos de negligência haviam produzido seu efeito, mas o lugar não estava tão mal assim.

— Sempre gostei daqui — declarou Aves. — É um pouco barulhento, mas hoje em dia todos os lugares são.

— Com certeza dificulta muito escutar o que se conversa nas mesas — lembrou Karrde. — Só isso já faz esse lugar valer a pena.

Como vai, Gillespee?

— Karrde — respondeu Gillespee, levantando e oferecendo a mão. — Já estava me perguntando se você viria mesmo.

— O horário do encontro é daqui a duas horas — informou Aves.

— Pare com isso. Desde quando se escuta dizer que Talon Karrde comparece aos encontros no horário? Mas você não precisava ter se dado ao incômodo: meu pessoal já verificou as coisas por aqui.

— Aprecio sua preocupação — agradeceu Karrde, o que não significava, em absoluto, que iria deixar de tomar suas precauções. Com a guarnição do Império a vinte quilômetros de distância, não se podia arriscar. — Tem a lista de convidados?

— Está aqui. Mas receio que não seja tão longa quanto eu gostaria — desculpou-se Gillespee, estendendo uma prancheta de leitura.

Karrde correu os olhos pela lista. Pequena, mas bastante selecionada, com alguns dos maiores nomes do contrabando comparecendo em pessoa. Brasck, Par'tah, Ellor, Dravis... esse devia ser do grupo de Billey, já que o próprio Billey não andava mais por aí... Mazzic, Clyngunn, o zeHethbra, Ferrier...

— Ferrier? *Niles* Ferrier, o ladrão de naves? — estranhou Karrde.

— Ele mesmo — assentiu Gillespee, franzindo a testa. — ele também faz contrabando.

— E trabalha para o Império.

— Nós também. E que eu saiba, você também.

— Não estou falando sobre contrabando, nem de planetas do Império — disse Karrde. — Estou falando sobre trabalhar para o Grande Almirante Thrawn. Fazendo serviços menores como encontrar o homem que localizou a Frota *Katana* para ele.

O rosto de Gillespee ficou tenso, de forma pouco perceptível. Lembrando talvez, de sua fuga apressada de Ukio, pouco à frente dos mesmos cruzadores Dreadnaught que o outro mencionara.

— Ferrier fez isso?

— E pareceu gostar muito de fazer — comentou Karrde, puxando o comunicador. — Lachton?

— Estou aqui — respondeu Lachton.

— Como estão as coisas aí na guarnição?

— Como um necrotério em dia de folga. Não vejo nenhum movimento nesse lugar há pelo menos três horas.

Karrde levantou uma sobrancelha.

— E mesmo? Mas que interessante... e quanto aos vôos que chegam e partem? Ou atividades no interior da guarnição?

— Nada disso — respondeu Lachton. — Sem brincadeira, Karrde, esse lugar parece morto. Acho que conseguiram alguns hologramas de treinamento, pornográficos, ou algo parecido.

— E, deve ser isso. Bom trabalho, fique de olho neles. Me avise assim que perceber atividade de qualquer tipo.

— Entendido. Desligando.

Karrde guardou o comunicador no cinto.

— Os homens do Império não estão fazendo nada na guarnição — anunciou ele. — Nada mesmo.

— Não é assim que queremos? — indagou Gillespee. — Eles não podem fazer nada contra nossa festa se ficarem escondidos por lá, certo?

— Certo. Por outro lado, nunca ouvi falar de uma guarnição do Império tirando um dia de folga.

— É verdade. A menos que essa grande campanha ofensiva lançada por Thrawn tenha deixado um bom desfalque no número de soldados.

— Mais um motivo para que eles realizem patrulhas diárias, a fim de demonstrar força — argumentou Karrde. — Um homem como o Grande Almirante Thrawn conta com a percepção do oponente para preencher lacunas em suas fileiras.

— Talvez devêssemos cancelar a reunião — sugeriu Aves, olhando para a entrada. — Eles podem estar preparando alguma.

Karrde olhou além do colega, para as águas revoltas subindo as paredes da Taça. Mais duas horas e a água atingiria seu nível mais baixo e horário ideal para a reunião. Se adiasse agora, admitiria que o Império deixara Talon Karrde com medo da própria sombra...

— Não. Vamos manter a reunião. Nossos convidados, afinal de contas, também não estarão indefesos. E devemos ter alarme prévio de algum movimento oficial contra nós — disse ele, olhando ao redor. — Na verdade, quase vale a pena o risco, nem que seja só para saber o que estão preparando.

Gillespee deu de ombros.

— Talvez não estejam planejando coisa alguma. Talvez tenhamos enganado tão bem a Inteligência do Império, que não ficaram sabendo de nada.

— Isso não se parece com a Inteligência do Império que aprendemos a conhecer e amar, Gillespee. Ainda assim, temos duas horas antes do encontro. Vamos ver o que conseguimos montar até lá, certo?

Estavam todos em silêncio, cada um dos indivíduos ocupando uma mesa com seu pequeno grupo, enquanto Karrde falava... quando terminou, olhou ao redor e percebeu que não os havia convencido.

Brasck tomou a palavra e tornou tudo oficial.

— Você fala bem, Karrde — disse o brubb, a língua entrando e saindo dos lábios enquanto ele provava o ar. — Poderíamos dizer, se esse adjetivo se aplicasse a você. Mas não convence.

— Será que não convenço mesmo? Ou não consegui vencer a relutância de vocês em resistir ao Império?

A expressão de Brasck não se alterou, mas o tom cinza-esverdeado de seu rosto... a única parte que não estava coberta pela armadura... ficou mais acinzentado.

— O Império paga bem pelo contrabando.

— E também por escravos? — indagou Par'tah na linguagem cantada ho'din. A cabeça em forma de serpente balançou quando a boca formou um gesto de desprezo. — E quanto às vítimas de seqüestro? Você não é melhor que Jabba.

Um dos guarda-costas remexeu-se na cadeira. Um homem que Karrde sabia ter escapado com Brasck do serviço de Jabba, quando Luke Skywalker e seus aliados deixaram a organização sem líder.

— Ninguém sabe o que Jabba diria — resmungou ele.

— Não estamos aqui para discutir — interveio Karrde, antes que Par'tah ou alguém do grupo pudesse responder.

— Por que estamos aqui? — indagou Mazzic, sentado entre um gotal com chifres e uma mulher de rosto ausente, com o cabelo arrumado em elaboradas trancinhas feitas ao redor de várias agulhas. — Desculpe, Karrde, mas isso está parecendo com um discurso de recrutamento para a Nova República.

— É, e Han Solo já veio com essa conversa para cima de nós — concordou Dravis, colocando os pés sobre a mesa. — Billey já disse que não estava interessado em levar os carregamentos da Nova República.

— E perigoso — afirmou Clyngunn, sacudindo a juba listrada de preto e branco. — Muito perigoso.

— E mesmo? E por que é tão perigoso? — quis saber Karrde.

— Você deve estar brincando — argumentou o zeHethbra sacudindo a juba. — Com a perseguição do Império aos carregamentos da Nova República, você arrisca a vida cada vez que decolar.

— Então o que está dizendo, é que a força do Império está se tornando cada vez mais perigosa para nossos negócios?

— Não adianta deturpar nossas palavras — avisou Brasck.

— Não vai nos convencer assim.

— Eu não sugeri esquema nenhum, Brasck — afirmou Karrde. — Tudo o que sugeri é uma forma de comercializar as informações que descobriremos ao longo de nossas atividades normais.

— E você não acha que o Império pode não aceitar essa nova atividade?

— Desde quando ligamos para o que o Império acha? — argumentou Par'tah.

— Desde que o Grande Almirante Thrawn está no comando — respondeu Brasck. — Já ouvi histórias desse estrategista, Par'tah. Foi ele quem forçou meu mundo a passar para o domínio do Império.

— Isso deveria ser um bom motivo para que você lute contra ele — opinou Gillespee. — Se está com medo do que Thrawn pode fazer com você *agora*, imagine o que pode acontecer se ele conseguir conquistar a Galáxia inteira.

— Nada vai acontecer se a gente não ficar contra ele — continuou Brasck. — Eles precisam dos nossos serviços.

— É uma bela teoria — disse uma voz vinda dos fundos.

— Mas eu digo agora mesmo que não vale nem um vidro cheio de vácuo.

Karrde olhou para o homem que falara, um humano corpulento de cabelo escuro e barba, com um charuto apagado nos lábios.

— E você é...

— Niles Ferrier. E estou dizendo que cuidar da própria vida não adianta nada se Thrawn resolver que precisa de você.

— Ainda assim, ele paga bem — lembrou Mazzic, acariciando a mão de sua companheira. — Pelo menos foi o que ouvi dizer.

— Ouviu dizer, é? — repetiu Ferrier. — Também ouviu dizer que ele me apanhou em New Cov e confiscou minha nave? Depois mandou que eu fosse fazer um serviço sujo para ele, a bordo de uma bomba-relógio da Inteligência? Vamos lá. Adivinhe o que iria acontecer se eu não conseguisse.

Karrde olhou ao redor, escutando o marulhar da água na Taça e o silêncio. Não fora assim que Solo descrevera o envolvimento de Ferrier; apesar disso, confiava mais em Solo do que no ladrão de naves. Ainda assim, sempre existia a possibilidade de Solo haver interpretado mal as coisas. E se a história de Ferrier ajudasse a convencer os outros que precisavam lutar contra o Império...

— Você recebeu dinheiro por seu trabalho? — quis saber Mazzic.

— Claro que recebi — admitiu Ferrier. — Mas não é esse o ponto.

— Para mim, é. Desculpe, Karrde, mas ainda não ouvi nenhum bom argumento para arriscar o pescoço como você propõe.

— E que tal o novo tráfico de clones do Império? — disse Karrde. — Não preocupa você?

— Também não estou contente com isso, mas acho que é um problema da Nova República e não nosso — concedeu Mazzic.

— E quando se torna nosso problema? — indagou Par'tah.

— Depois que o Império substituir os contrabandistas por clones?

— Ninguém vai nos substituir por clones — afirmou Dravis.

— Sabe, Karrde, Brasck tem razão. O Império precisa muito de nós para nos incomodar... desde que a gente não escolha um dos lados.

— Exatamente — apoiou Mazzic. — Somos homens de negócios, eu, por mim, pretendo continuar dessa forma. Se a Nova República quer pagar mais do que o Império, ficarei feliz em vender a eles. Se não...

Karrde assentiu, admitindo para si mesmo a derrota. Par'tah discutiria mais o assunto e talvez mais um ou dois dos outros, inclusive Ellor, o Duro, que permanecera fora da conversa, o que em sua espécie significava concordância. Mas o restante não se convenceria e insistir no

assunto só iria aborrecê-los. Mais tarde, talvez, pudessem aceitar a realidade da ameaça do Império.

— Muito bem — disse ele. — Acho que as posições de vocês todos sobre o assunto ficaram bem claras. Obrigado pelo tempo que perderam. Talvez possamos nos encontrar outra vez daqui...

Sem aviso, a traseira do Rodamoinho Assobiador explodiu.

— Fiquem onde estão! — ordenou uma voz amplificada por megafone.

— Olhem para a frente e não se movam. Todos aqui estão sob ordem de prisão do Império!

Karrde olhou por sobre as cabeças da audiência imóvel, para a parte traseira. Através da fumaça e da poeira, enxergou uma fila dupla de cerca de trinta soldados do Império abrindo caminho pelos destroços onde se erguera a parede, os flancos protegidos por dois homens com o uniforme branco das tropas de assalto. Atrás divisou dois veículos blindados Chariot, assumindo posição de cobertura.

— Então eles vieram, afinal — comentou ele, em voz baixa.

— E preparados para tudo — completou Gillespee, ao lado. — Parece que você tinha razão sobre Ferrier.

— Talvez — disse Karrde, olhando para o ladrão de naves esperando ver um sorriso no rosto barbado.

Mas Ferrier não olhava para ele. Sua atenção estava voltada para a lateral; não para os soldados que se aproximavam, mas para uma região da parede à direita do novo orifício. Karrde seguiu a direção do olhar...

A tempo de ver uma sombra sólida e negra destacar-se da parede e mover-se para trás de um grupo de soldados da tropa de assalto.

— Por outro lado, talvez não — comentou com Gillespee, apontando a sombra. — Dê uma olhada... por cima dos ombros de Ellor.

Gillespee inalou audível.

— Que diabo é *aquilo*?

— Acho que é o defel amestrado de Ferrier — explicou Karrde. — Também são chamadas de iras... Solo me falou sobre ela. Lá está. Todos estão prontos?

— Estamos prontos — respondeu Gillespee.

Os murmúrios ecoaram em todas as mesas e Karrde avaliou os contrabandistas e seus ajudantes. Os olhares se encontraram, e depois da surpresa, transmitiam raiva... estavam prontos. O defel de Ferrier atingiu o final da linha de soldados do Império; repentinamente um deles foi atirado contra um companheiro. Os soldados mais próximos reagiram no mesmo instante, balançando as armas para todos os lados enquanto procuravam um atacante invisível.

— Agora — murmurou Karrde.

Pelo canto dos olhos, viu os canos longos de dois desintegradores BlasTech A2801 balançando sobre a borda da Taça e abrindo fogo contra os homens do Império.

A primeira rajada apanhou o centro da linha à frente, abatendo um punhado de soldados, enquanto os outros buscavam proteção entre mesas e cadeiras vagas. Karrde deu um passo à frente, ajoelhando-se atrás da mesa seguinte.

Uma precaução quase desnecessária. A atenção dos inimigos fora atraída para cima por um instante apenas... e enquanto Karrde sacava a própria arma, o ar explodiu em dezenas de disparos de desintegradores.

Brasck e seus guarda-costas abateram um pelotão inteiro nos primeiros cinco segundos, com uma barragem de fogo sincronizado que mostrou que ele não esquecera seu passado de mercenário. O grupo de Par'tah concentrou-se do outro lado da fila, as armas menores e menos devastadoras que as pistolas pesadas de Brasck, porém mais do que o suficiente para fazer com que todos os sobreviventes se abaixassem, em busca de proteção. Dravis, Ellor e Clyngunn se aproveitavam daquele fogo de cobertura para abater um a um os inimigos. Mazzic, no entanto, ignorava a ameaça dos soldados para concentrar seus disparos nos veículos de combate, ao lado de fora.

Na verdade, uma boa idéia.

— Aves, Fein! Atirem nos Chariot.

Dois gritos acusaram o recebimento da ordem acima da borda e os poderosos rifles procuraram seus alvos. Karrde espiou por sobre a mesa, enxergando a mulher que estava com Mazzic atirando a última agulha envenenada retirada dos cabelos; um dos soldados caiu. Outro inimigo abandonou sua proteção para tentar atirar nela, mas Karrde abateu-o com rapidez. Sua mesa foi atingida um par de vezes e as nuvens de



estilhaços forçaram-no a abaixar-se outra vez. Do exterior veio o som de uma grande explosão, logo depois seguida por outra.

Tão súbito quanto começara, o combate terminou.

Com cuidado, Karrde levantou a cabeça. Os outros faziam o mesmo, com as armas prontas a disparar. Clyngunn estava segurando um dos braços e buscando uma atadura no cinto; a túnica de Brasck tinha marcas escuras de queimado em vários pontos e a armadura brilhava abaixo do tecido destruído.

— Tudo bem? — indagou Karrde.

Mazzic endireitou o corpo. Mesmo àquela distância, Karrde reparou que os nós dos dedos estavam esbranquiçados sobre a empunhadura da arma.

— Eles acertaram Lishma — disse ele. — Ele nem ao menos estava atirando.

Karrde baixou o olhar e abaixo da mesa onde estava Mazzic percebeu o gotal, imóvel, com o corpo escondido por alguns escombros.

— Sinto muito — disse ele, com sinceridade.

Sempre gostara do povo gotal.

— Também sinto — concordou Mazzic, enfiando a arma no coldre. — Mas o Império vai sentir muito mais. Muito bem, Karrde; estou convencido. Onde a gente conversa?

— Em algum lugar longe daqui, eu acho — declarou Karrde, olhando para os destroços fumegantes dos dois Chariot e apanhando o comunicador no cinto. — Eles devem ter reforços a caminho. Lachton, Torve... estão por aí?

— Bem aqui — respondeu Torve. — O que foi tudo isso?

— O Império resolveu aparecer, afinal de contas. Usaram dois Chariot para abrir uma porta na parede e entrar. Alguma agitação por aí?

— Por aqui, nada. Não sei de onde eles vieram, mas daqui do espaçoporto não foi — informou Torve.

— Nem daqui — completou Lachton. — A guarnição continua quieta como uma sepultura.

— Vamos esperar que fique assim por mais alguns minutos. Avisem aos outros; vamos voltar à nave.

— Pode deixar. Vejo você lá.

Karrde desligou o comunicador e voltou-se. Gillespee ajudava Aves e Fein a saírem da parte superior da Taça, usando os arreios presos às cordas que os sustentaram além da borda íngreme, com as armas pesadas.

— Parabéns, cavalheiros. Bom trabalho — comentou Karrde. Aves retirou o equipamento e empunhou de novo o desintegrador pesado. Mesmo com o nível da água mais baixo, os dois estavam molhados pela espuma.

— Obrigado — disse Aves. — Acha que é hora de irmos andando?

— Tão logo quanto possível — concordou Karrde, voltando-se para os outros contrabandistas. — Pessoal, a gente se vê no espaço.

Não havia emboscada alguma aguardando por eles no *Wild Karrde*. Nem perseguição, nem destróier imperial espreitando em órbita. Aparentemente o incidente no Rodamoinho Assobiador poderia ter sido apenas um caso de alucinação em massa.

Exceto pela destruição das instalações do café e pelos carros de combate Chariot, além das queimaduras. E, claro, o gotal morto.

— Qual é o plano? — indagou Dravis. — Quer nossa ajuda a respeito do caminho seguido pelo tráfico de clones, não quer?

— Quero. Sabemos que passa por Poderis, portanto o setor Orus é um bom lugar para começar — sugeriu Karrde.

— Passou por Poderis — corrigiu Clyngunn. — Thrawn já deve ter alterado a rota.

— Talvez, mas não sem deixar indícios que possamos seguir — disse Karrde. — Então? Temos um acordo?

— Meu grupo está com você — afirmou Ferrier, sem perder tempo. — Aliás, Karrde, se você quiser, podemos ver o que se pode fazer para obter verdadeiras naves de combate.

— Talvez eu aceite. Par'tah?

— Vamos ajudar na busca — Par'tah parecia bravo como Karrde nunca vira. A morte do gotal o atingira quase tanto quanto a Mazzic. — O Império precisa de uma lição.

— Obrigado. Mazzic?

— Concordo com Par'tah. Mas acho que essa lição deve ser mais contundente. Vocês continuem com a caçada aos clones... Ellor e eu temos outras idéias.

Karrde olhou para Aves, que deu de ombros.

— Se ele quer se vingar, quem somos nós para impedir? — comentou o navegador.

— Muito bem. Boa sorte. Tente não morder mais do que pode engolir — aconselhou Karrde.

— Pode deixar — disse Mazzic. — Estamos partindo. Até mais tarde.

No canto do agrupamento aleatório formado pelas naves no espaço,

Karrde observou duas delas oscilarem e desaparecerem no hiperespaço.

— Com isso, só falta você, Brasck. O que diz?

Escutou uma espécie de suspiro longo pelo comunicador, acompanhado por um dos muitos intraduzíveis gestos brubb.

— Não posso e não pretendo ficar contra o Grande Almirante Thrawn — afirmou ele, por fim. — Vender informações para a Nova República seria um convite ao ódio dele contra mim. Mas não pretendo interferir com suas atividades, nem falar sobre esse assunto com ele.

— E justo — assentiu Karrde. Na verdade, era até mais do que ele esperava de Brasck. O medo que o povo brubb tinha do Império era profundo. — Bem, vamos organizar nossos grupos e nos reencontramos em Chazwa, daqui a cinco dias. Boa sorte para todos.

Os outros acusaram recebimento e partiram, fazendo um por um os saltos no hiperespaço.

— Tanta coisa para permanecer neutro — suspirou Aves, verificando o computador de bordo. — Mara não vai acreditar quando voltar. A propósito, quando ela volta?

— Tão logo eu encontre uma forma de trazê-la até aqui — respondeu Karrde, sentindo uma pontada de culpa. — Depois daquele último aumento do preço que o Império paga por nossas cabeças, deve haver uns vinte caçadores de recompensa ao largo de Coruscant, esperando a gente aparecer.

Fazia vários dias que recebera a mensagem de Mara, que já devia estar esperando há outros tantos.

— O que você acha que aconteceu lá por lá? — indagou Aves, remexendo-se pouco à vontade na poltrona. — Algum caçador de recompensa aproveitou a reunião e avisou o Império?

Karrde olhou para as estrelas.

— Não entendi o que aconteceu — admitiu ele. — Caçadores de recompensa evitam avisar as autoridades a menos que já tenham um acordo financeiro. Por outro lado quando o Império realiza um ataque, a gente espera que seja um pouco mais eficiente.

— A menos que estivessem apenas seguindo Gillespee e não soubesse que o resto de nós estava ali — sugeriu Aves. — Podiam ter apenas três esquadrões e dois Chariot.

— Suponho que seja possível. O difícil é acreditar que a Inteligência deixasse passar um erro desses. Vou pedir para o nosso pessoal em Trogan fazer algumas perguntas, para saber se é possível saber de onde veio a informação. Por enquanto, temos uma caçada para organizar. Vamos lá.

Pellaeon percebeu que Niles Ferrier sorria por trás da barba hirsuta, ao ser escoltado por dois soldados das tropas de choque. O tipo do sorriso satisfeito que demonstrava não fazer ele a menor idéia sobre o que o esperava a bordo do *Quimera*.

— Aqui está Ferrier, Grande Almirante — anunciou ele.

— Eu sei — respondeu Thrawn, ainda de costas.

O brilho nos olhos vermelhos, Pellaeon sabia, traduzia uma raiva letal e fria. Preparou-se para a cena. Aquilo ia ser feio.

O grupo chegou à poltrona de comando de Thrawn e parou.

— Niles Ferrier, Grande Almirante. De acordo com as ordens — anunciou o oficial mais graduado.

Por um bom tempo Thrawn não se moveu, nem deu mostras de ter escutado e Pellaeon percebeu que o sorriso de Ferrier diminuiu bastante.

— Você esteve em Trogan dois dias atrás — disse o Grande Almirante, ainda sem voltar-se. — Encontrou-se com dois homens procurados pelo Império: Talon Karrde e Samuel Tomas Gillespee. Você também persuadiu um grupo pequeno e mal preparado, sob as ordens do

tenente Reyno Kosk, a lançar um ataque, que falhou. Isso tudo é verdade?

— Claro que é — confirmou Ferrier. — Foi por isso que mandei aquela mensagem. Sabe...

— Nesse caso, eu gostaria muito de ouvir seus motivos — cortou Thrawn, girando a poltrona para encarar o ladrão. — Ou pelo menos um bom motivo, para que eu não mande executá-lo logo.

Ferrier abriu a boca, surpreso.

— O quê? Mas eu consegui a confiança de Karrde. Ele agora acredita em mim, percebe? Foi esse o plano. Agora posso entregar todos para você, se quiser...

— Você foi responsável pela morte de quatro soldados das tropas de assalto e mais trinta e dois homens do Exército Imperial. E também pela destruição de dois veículos de combate Chariot, com as tripulações. Não sou Lorde Vader, Ferrier. Não gosto de desperdiçar homens leais. E levo muito a sério essas mortes.

Toda a cor fugiu do rosto barbado.

— Senhor... Almirante... sei que colocou o grupo de Karrde a prêmio...

— Mas tudo o que falamos não é nada comparado ao desastre que iniciou — cortou Thrawn. — A Inteligência me informou dessa reunião dos chefes mais importantes entre os contrabandistas. Eu sabia a data, o local, a hora e a provável lista de convidados. E tinha dado instruções precisas à guarnição de Trogan...*precisas*, Ferrier... para que fossem deixados em paz.

Pellaeon não imaginara que o rosto de Ferrier pudesse ficar mais pálido, porém foi o que aconteceu.

— O senhor? Mas... não entendo...

— Tenho certeza que não entende — continuou o Grande Almirante, fazendo um gesto. Rukh deu um passo à frente. — Mas é muito simples, na verdade. Conheço os contrabandistas, Ferrier. Estudei as operações que eles prepararam e fiz o possível para conversar com todos no ano que passou. Nenhum deles quer se envolver na guerra e *sem* o seu ataque desajeitado, tenho certeza que todos sairiam de Trogan

convencidos de que continuariam na tradicional neutralidade dos contrabandistas.

Mais um gesto a Rukh. A adaga surgiu na mão do noghri.

— O resultado de sua interferência foi unir todos eles contra o Império... um desenrolar de eventos que realizei esforços consideráveis para evitar — continuou Thrawn, encarando Ferrier. — E não gosto nem um pouco de ver meus esforços desperdiçados.

Os olhos atemorizados alternavam-se entre a lâmina de Rukh e o olhar de Thrawn.

— Sinto muito, Almirante... — sussurrou Ferrier, com dificuldade para falar. — Eu não tinha a intenção... não sabia... me dê mais uma chance. Só mais uma, sim? Posso entregar Karrde. Juro. Posso entregar todos eles...

Não conseguiu encontrar outras palavras e o Grande Almirante deixou que o silêncio permanecesse por quase um minuto.

— Você é um tolo de mente pequena, Ferrier. Porém até mesmo os tolos podem ser aproveitados de vez em quando. Você terá mais uma chance. Uma *última* chance. Espero ter sido claro.

— Claro, Almirante. Foi muito claro — apressou-se a confirmar Ferrier, balançando a cabeça numa afirmativa enfática.

— Ótimo — Thrawn fez novo gesto e a adaga desapareceu das mãos de Rukh. — Pode começar me contando o que planejaram.

— Claro. Karrde, Par'tah e Clyngunn vão se encontrar em... Chazwa, dentro de três dias. Eles sabem que o senhor passa os clones pelo setor Orus.

— Sabem, é? E pretendem fazer alguma coisa?

— Não. Só descobrir de onde vêm os clones. Depois vão vender as informações para a Nova República. Brasck não vai e prometeu não interferir. Dravis vai verificar com Billey e depois dá uma resposta. Mazzic e Ellor estão planejando alguma coisa... mas não disseram o que é.

As palavras acabaram, ou o fôlego faltou.

— Muito bem, escute o que vai fazer — disse Thrawn, depois de um instante. — Você e seu pessoal vão encontrar Karrde de acordo com

o programado, em Chazwa. Você leva a Karrde um presente: uma nave de assalto que você roubou da estação Hishyim de patrulha.

— Com um "grampo", certo? — completou Ferrier. — Eu também tinha pensado nisso. A gente leva várias naves com "grampos", e...

— Karrde vai examinar seu presente a fundo — interrompeu Thrawn, com a paciência a ponto de terminar. — Portanto, a nave deve estar em perfeitas condições. O propósito das naves é apenas manter sua credibilidade. Presumindo que tenha alguma.

— Sim, senhor. E depois?

— Você vai continuar a vigiar as atividades de Karrde — disse o Grande Almirante. — E de tempos em tempos eu mandarei mais instruções. Instruções as quais você vai executar ao pé da letra, sem fazer nenhuma pergunta, ou tomar alguma iniciativa. Está claro?

— Está claro — repetiu Ferrier. — Não se preocupe, Grande Almirante, pode contar comigo.

— Espero que sim — disse Thrawn, olhando para o noghri. — Detestaria ter de mandar Rukh para fazer uma visita a você. Entendeu?

Ferrier olhou para o guarda-costas e engoliu em seco.

— Entendi.

— Ótimo — finalizou Thrawn, girando a poltrona para o outro lado. — Comandante, acompanhe nosso hóspede de volta à nave dele e providencie que o pessoal dele embarque na nave que mandei preparar.

O comandante da escolta assentiu e conduziu Ferrier para fora.

— Vá com eles, Rukh. Ferrier tem uma mente estreita e quero que saia daqui com a imagem do que vai acontecer se ele atropelar meus planos outra vez — ordenou o Grande Almirante.

— Pois não, meu lorde — disse Rukh, apressando-se atrás dos guardas que conduziam Ferrier.

— Sua análise, capitão? — indagou Thrawn, voltando-se para Pellaeon.

— Não é uma situação confortável, mas também não é ruim como poderia ter sido. Temos uma linha em potencial no grupo de Karrde, se é que se pode confiar em Ferrier. Entrementes, ele e os amigos não farão

nada prejudicial, enquanto seguem a pista falsa que preparamos para a Rebelião.

— Mais cedo ou mais tarde eles vão se cansar e cada um segue o seu caminho — completou o Grande Almirante. — Particularmente quando sentirem falta dos negócios que faziam com o Império. Mas isso ainda vai levar algum tempo.

— Quais são as opções? Aceitar a sugestão de Ferrier para mandar naves "grampeadas", ou preparadas para explodir?

Tenho algo mais útil e satisfatório em mente, capitão. Mais tarde, acho que os contrabandistas vão perceber como o ataque em Trogan foi ineficaz. Com um pequena ajuda nas provas físicas, podemos convencê-los de que Karrde estava por trás do ataque.

— Karrde? — estranhou Pellaeon.

— Por quê não? — insistiu Thrawn. — Um ataque traiçoeiro, vamos dizer, para persuadir os outros de que seus temores contra o Império eram justificados. Isso tiraria de Karrde qualquer influência que ele pudesse ter sobre os outros, assim como nos pouparia o trabalho de caçá-lo.

— É algo a se pensar, senhor — afirmou o capitão, com cautela. No meio de uma grande ofensiva militar, em sua opinião, não era o momento exato para vingar-se dos pequenos marginais da Galáxia. Haveria muito tempo depois. — Se me permite a sugestão, senhor, a campanha em Ketaris necessita de sua atenção.

Thrawn sorriu.

— Sua devoção ao dever é recomendável, capitão. Não chegou nada ainda de Coruscant?

— Ainda não, senhor — respondeu Pellaeon, verificando o registro de chamadas. — Mas lembre o que Himron disse sobre criar uma trilha de dados. Ele pode ter sofrido alguma demora.

— Talvez... ou talvez não. Ainda assim, se falharmos em obter os gêmeos para o nosso amado Mestre Jedi, o fato do major Himron incriminar Mara Jade deve neutralizá-la como ameaça a nós. Por enquanto, isso é o que mais importa — afirmou o Grande Almirante. — Acerte o rumo para a batalha em Ketaris, capitão. Vamos partir assim que Ferrier tiver decolado.